

Consciência planetária em um mundo digital

Por Sander Neves

Professor do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix

A tecnologia cada vez mais ágil transformou a sociedade. Na transição do século XX para o século XXI, especificamente, a internet tornou-se onipresente. Seja nos escritórios, nas residências ou nos aparelhos móveis, a rede mundial de comunicação é usada para assimilar conhecimento, acessar informações cotidianas e, obviamente, entrar em redes sociais e e-mails para saber o que está acontecendo com as pessoas do nosso ciclo de amizade. As novas gerações tem dificuldade de imaginar o mundo desconectado. Fazem uso dos ambientes virtuais com tanta naturalidade, que muitas vezes não pensam nas conseqüências dos próprios atos. Não faltam exemplos, infelizmente.

Um exemplo recente aconteceu no dia 21 de março de 2013, em Manhuaçu, no interior de Minas Gerais. Um estudante de 16 anos matou a facadas o colega da mesma idade e escola que postou no Facebook uma mensagem questionando a sexualidade do autor do crime. Talvez a sensação do emissor de uma mensagem, por não estar em contato presencial com o interlocutor, é de que pode escrever o que pensa sem pensar nas conseqüências. Há um sentimento, equivocado, de que na internet tudo pode, tudo é possível.

Devemos assim estar abertos às potencialidades das tecnologias da Cibercultura e atentos às negatividades das mesmas. Devemos tentar compreender a vida como ela é e buscar compreender e nos apoderar dos meios sócio-técnicos da Cibercultura. Isso garantirá a nossa sobrevivência cultural, estética, social e política para além de um mero controle maquínico do mundo. Para os que sabem e querem olhar, nas diversas manifestações sócio-culturais da Cibercultura contemporânea podemos constatar que ainda há vida para além da artificialização total do mundo. LEMOS (2003, p. 23)

As notícias sobre violências cujos estopins foram acesos no universo on-line são cada vez mais comuns, assustando famílias e despertando nas autoridades a necessidade de agir. O final de 2012, época em que vazaram as fotos da atriz Carolina Dieckmann nua, é um marco para mudança da legislação sobre crimes na internet. O caso culminou na criação da Lei 12.737/12, que tipifica os seguintes crimes: invasão de computadores para obter vantagens ilícitas, falsificação de cartões e documentos particulares e interrupção ou perturbação de serviço telegráfico, telefônico, telemático ou de informação de utilidade pública.

Soma-se à Lei denominada Carolina Dieckmann a Lei Azeredo (12.735/12), que leva o nome do político que a criou. Ela inclui um novo dispositivo na Lei de Combate ao Racismo (7.716/89) para obrigar que mensagens com conteúdo racista sejam retiradas do ar imediatamente, como já ocorre atualmente em outros meios de comunicação como radiofônico, televisivo e impresso. A mesma Lei Azeredo também prevê a criação de delegacias especializadas no combate a crimes cibernéticos na Polícia Federal e nas Polícias Civis. E a legislação continua se atualizando para dar conta da demanda virtual.

CONHECIMENTO COLETIVO

Em tempos de globalização tecnológica, fica claro que as pessoas tem a liberdade para opinar sobre diferentes assuntos em sites, blogs, redes sociais, etc. Tudo isso é chamado, por alguns teóricos, de conhecimento coletivo. Todavia, notamos que parte da sociedade que participa deste novo ambiente não pensa nos impactos que este novo *modus vivend* tem sobre a própria vida. Sobre o próprio indivíduo. “A comunicação agora é muitas vezes vivenciada como fenômeno super-humano que se eleva acima das pessoas. Uma nova geração cresceu com a expectativa reduzida do que uma pessoa pode ser e do que cada pessoa pode se tornar”, critica Lanier (2010, p. 18)

Engana-se que pensa que os estudos sobre as transformações sociais geradas pela comunicação começaram com o advento da internet, criada nos porões da Guerra Fria (1969) nos Estados Unidos. Quando lançou o livro “Meios de Comunicação como Extensões do Homem”, em 1964, o pesquisador McLuhan (1964, p. 21) já colocava em uma balança os pontos positivos e negativos do mundo que começava a redesenhar. “A reestruturação da associação e do trabalho humanos foi moldada pela

técnica de fragmentação, que constitui a essência da tecnologia da máquina”. Pereira (2003, p. 93-94) destaca os pontos levantados por McLuhan (1964) para estudar a realidade da época.

McLuhan compreendia toda a evolução tecnológica como um aprimoramento contínuo da capacidade de captação (através da extensão dos sentidos), processamento (através da extensão dos processos intelectuais), produção (através do aumento da potência do sistema humano, dado as duas extensões anteriores), acúmulo (através da extensão da memória) e, principalmente, da partilha (através da extensão de um código comum) de informações cada vez mais rápida. O resultado de todas essas operações é a transformação profunda da cultura, da tecnologia e do próprio humano, o que, assim, possibilita o aparecimento de novas tecnologias, culturas e modos de ser humano, enfim, de transformações sucessivas. PEREIRA (2003, p. 93-94)

Então, afinal de contas, o que é cibercultura? Vamos tentar entender um pouco sobre sua definição desta palavra antes de refletir sobre as conseqüências do mundo digital nos seres humanos. O termo não nasceu na época de McLuhan (1964), mas certamente é um dos mais usados em diferentes áreas do conhecimento digital. Trocar informações e assimilar conhecimento via rede mundial de comunicação deixou de ser restrito às áreas da informática, telecomunicações e comunicação para mexer com toda sociedade.

A Cibercultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. Vivemos já a Cibercultura. Ela não é o futuro que vai chegar, mas o nosso presente (homebanking, cartões inteligentes, celulares, palms, pages, voto eletrônico, imposto de renda via rede, entre outros). Trata-se assim de escapar, seja de um determinismo teórico, seja de um determinismo social. A Cibercultura representa a cultura contemporânea sendo conseqüência direta da evolução da cultura técnica moderna. LEMOS (2003, p. 12)

LEVANTE DA JUVENTUDE

Bons exemplos das forças que emanam da cibercultura foram os movimentos sociais que ganharam as ruas de dezenas de cidades brasileiras durante a Copa das Confederações de Futebol, realizada entre junho e julho de 2013. Manifestantes, em sua maioria jovens estudantes, agendavam pela internet passeatas que tiveram conseqüências positivas e negativas. Preço das passagens, reforma política, melhoria na área da saúde, qualificação da educação, combate à corrupção, entre outros temas

compuseram a diversificada pauta de reivindicações que uniu a população em diferentes partes do país.

Entre os pontos positivos das passeatas que merecem ganhar destaque citamos inicialmente o levante da juventude. Depois do impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Melo, em 29 de setembro de 1992, esta foi a primeira vez que jovens brasileiros voltaram para as ruas para protestar contra o poder estabelecido. A expectativa é que a relação dos políticos com os eleitores nunca mais seja a mesma a partir da força demonstrada pelas conexões feitas no mundo on-line que se traduziram em passeatas no mundo off-line.

Outro ponto que merece destaque foi o recuo de várias cidades brasileiras em relação ao aumento no preço das passagens de ônibus municipal e intermunicipal. Em Belo Horizonte, por exemplo, ao invés do aumento (anunciado antes das passeatas) o valor das passagens de ônibus teve uma redução de R\$ 0,15. De acordo com o prefeito Márcio Lacerda, a redução somente foi possível devido à redução do Imposto de Serviço de Qualquer Natureza (ISQN) e da desoneração do Programa de Integração Social e da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (PIS/Cofins). Algumas perguntas ficaram no ar: se não houvesse a pressão popular haveria esta redução? Se era possível baixar o valor das tarifas mexendo no valor dos impostos, porque isso não foi feito anteriormente?

Há também pontos de destaque que ocorreram durante o levante da juventude durante a Copa das Confederações que dividem opiniões. Em meio às manifestações, a presidenta Dilma Rousseff fez um pronunciamento, no dia 21 de junho de 2013 (veja no Youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=bo5z-ecNi-M>) em cadeia nacional prometendo várias mudanças. Uma das que mais gerou protesto foi a abertura do mercado brasileiro para ingresso de médicos estrangeiros. Além disso, o governo anunciou que estudantes de medicina teriam de estudar mais dois anos (além dos seis previstos nos currículos de medicina) prestando trabalho ao Sistema Único de Saúde (SUS), independente se o aluno estudasse em escola privada ou pública.

Esta controvérsia já sofreu revés. O governo recuou quanto a aumentar em dois anos o curso de medicina. Por outro lado, manteve a idéia de que estudantes devem prestar serviços ao SUS e trazer médicos estrangeiros para suprir supostas lacunas na área da saúde, especialmente em cidades mais distantes dos grandes centros urbanos

brasileiros. “A intenção do governo é, até 2017, universalizar o acesso às vagas de residência e, a partir de 2018, tornar obrigatória a realização da residência na rede pública”, destacou Souza (2013, on-line).

Também não devemos nos esquecer dos pontos negativos deste levante da juventude brasileira. O primeiro, e talvez o mais grave, foram as duas mortes causadas por quedas de viadutos em Belo Horizonte. Que os jovens Douglas Henrique de Oliveira (21 anos) e Luiz Felipe Aniceto de Almeida (22 anos) nunca sejam esquecidos. Afinal de contas, eles lutavam por um futuro melhor para os filhos, mas tiveram a vida interrompida de forma brusca nos confrontos das ruas.

Outro ponto negativo foi a ação de vândalos que se aproveitaram do movimento pacífico para incendiar e saquear lojas em diferentes pontos da cidade. “Segundo a Polícia Militar (PM), 44 pessoas foram detidas e levadas para a delegacia, na capital. De acordo com os bombeiros, muitas pessoas saíram machucadas do confronto com a polícia”, descreveu da matéria publicada no Portal G1, em 27 de junho de 2013. E a violência não se restringiu a Belo Horizonte. Em São Paulo e no Rio de Janeiro, por exemplo, os confrontos entre política e manifestantes deixaram dezenas de feridos e cicatrizes que nunca mais desaparecerão da vida das famílias atingidas diretamente pela violência.

AS REDES SOCIAIS

A liberdade de expressão nunca esteve tão acessível como no século XXI. Basta ter um computador conectado à internet para fazer parte de uma rede social de âmbito mundial. Quem tem uma conta no Facebook ou Twitter, por exemplo, pode trocar mensagens instantâneas com amigos, conhecidos ou conhecidos dos amigos em tempo real. Como diria Friedman (2007), em sua obra clássica: “O mundo é plano”.

As redes sociais fazem parte do cotidiano de grande parte da juventude brasileira. Elas, aliás, seguem as indicações da Declaração Universal dos Direitos do Homem, criada pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 10 de dezembro de 1948, na qual o tópico XIX indica que: “Toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.”

Por isso, mais importante que usar é saber usar as redes sociais como meio para ampliar o conhecimento e buscar entretenimento. Para finalizar esta reflexão, o Núcleo de Formação Humanística do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix traz as seguintes sugestões para o bom uso das redes sociais:

- Cuidado com a exposição de imagens nas redes sociais. Lembre-se que além dos amigos de infância, seus chefes podem fazer parte da sua cadeia de amigos. Não seria nada agradável que se tornassem públicas aquelas fotos que não deveriam sair da gaveta. Por exemplo: fotos sensuais ou que te mostram fazendo algo amoral.

- Há diferentes tipos de redes sociais. No Facebook, por exemplo, é comum colocar temas pessoais. Já no LinkedIn, por ser uma rede profissional, restrinja suas relações a questões de trabalho, da profissão, dos grandes eventos da sua área, etc.

- Use as redes sociais para dar opiniões construtivas sobre temas de cotidiano. Evite racismo e comentários que possa trazer arrependimentos no futuro. Não se esqueça que depois que uma mensagem for publicada na rede pode se espalhar pelo mundo. Não há volta.

- Preserve a sua intimidade nas redes sociais. Nada de colocar cada passo dado durante o dia e indicar que fará uma viagem em breve, ou colocar o hotel que ficará hospedado. Estas informações podem servir para pessoas mal intencionadas agirem.

- Tente avaliar em que medida você tem uma identidade digital. Tenha clareza sobre os momentos de buscar entretenimento e os momentos de se posicionar em relação a temas profissionais. Faça as pessoas se interessarem pelos assuntos que você divulga na rede social.

- Nunca fale mal de pessoas ou empresas em redes sociais. Este é um erro que pode lhe custar o emprego ou futuros empregos. Não se esqueça que há sempre alguém de olho no que você posta na internet.

- Por fim, é importante que saiba que a legislação para crimes virtuais está cada vez mais ampla e dura. Evite problemas com outras pessoas ou comunidades. Não se esqueça que a internet é um ambiente aberto, mas que todos os temas direitos e deveres na rede mundial de comunicação.

De olho nestas informações, tenham uma boa navegação virtual!

Referências

ONU. Declaração Universal dos Direitos do Homem. Endereço eletrônico: http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm. Acessado em 15 de julho de 2013.

FRIEDMAN, Thomas L. O mundo é plano. São Paulo: Editora Objetiva. 2007, 560 p.

LANIER, Jaron. Gadget – você não é um aplicativo. São Paulo: Editora Saraiva. 2010, 248 p.

LE MOS, André. Cibercultura – alguns pontos para compreender a nossa época. In: Olhares sobre a Cibercultura. Porto Alegre: Editora Sulina. 2003, p. 11-23.

MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Editora Cultrix. 1964, 407 p.

PEREIRA, Vinícius Andrade. Entendendo os meios – as extensões de Mcluhan. In: Olhares sobre a Cibercultura. Porto Alegre: Editora Sulina. 2003, p. 90-112.

PORTAL G1. Vândalos destroem e causam prejuízo na Região da Pampulha, em BH. Endereço eletrônico: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/06/vandalos-destroem-e-causam-prejuizo-na-regiao-da-pampulha-em-bh.html>. Acessado em 28 de junho de 2013.

PORTELA, Márcio. Belo Horizonte anuncia redução de R\$ 0,15 no preço da passagem de ônibus. Estadão on-line. Endereço eletrônico: <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,belo-horizonte-anuncia-reducao-de-r-015-no-preco-da-passagem-de-onibus-,1050611,0.htm>. Acessado em 06 de julho de 2013.

SILVEIRA, Daniel. Morre segundo jovem que caiu de viaduto durante manifestações em BH. Portal UAI – Estado de Minas. Endereço eletrônico: http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/07/11/interna_gerais,421339/morre-segundo-jovem-que-caiu-de-viaduto-durante-manifestacoes-em-bh.shtml. Acessado em 15 de julho de 2013.

SOUZA, Andre de. Governo desiste de aumentar curso de medicina em dois anos. Globo on-line. Endereço eletrônico: <http://oglobo.globo.com/educacao/governo-desiste-de-aumentar-curso-de-medicina-em-dois-anos-9299520>. Acessado em 31 de julho de 2013.

TERRA. Marco civil da Internet complementa leis de crimes virtuais. Endereço eletrônico: <http://tecnologia.terra.com.br/internet/marco-civil-da-internet-complementa-leis-de-crimes-virtuais,96d353057207d310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>. Acessado em 15 de junho de 2013.